

O tema da infância heroica na *Eneida* de Virgílio: os casos de Ascânio-lulo e Camila, a rainha dos volscos

The heroic childhood theme in Virgil's 'Aeneid': the cases of Ascanius-lulus and Camilla, the Queen of the Volci

Thiago Eustáquio Araújo Mota*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar as apropriações poéticas do tema da infância heroica a partir da construção dos personagens Ascânio-lulo e da rainha volsca, Camila, na *Eneida*. Embora projetada na idade heroica, ou no passado pré-fundacional, a epopeia virgiliana revela importantes aspectos da percepção romana sobre as fases formativas conhecidas como *infantia*, *pueritia* e *pubertas* e sobre os respectivos papéis de gênero. Busca-se questionar em quais termos os heróis virgilianos performam ou transgridem essas etapas, seja pela excelência ou pelo desvio.

Abstract: This article aims to investigate the poetic appropriations of the theme of heroic childhood from the construction of the characters Ascanius-lulus and the Volscian queen, Camila, in *Aeneid*. Although projected in the heroic age, or in the pre-foundational past, the Virgilian epic reveals important aspects of the Roman perception about the formative phases known as *infantia*, *pueritia* and *pubertas* and about the respective gender roles. In this way, we seek to investigate in which terms the Virgilian heroes perform or transgress these stages, either by excellence or by deviation.

Palavras-chave:
Infância Heroica.
Eneida.
Épica.
Ascânio-lulo.
Camila.

Keywords:
Heroic childhood.
Aeneid.
Epic.
Ascanius-lulus.
Camilla.

Recebido em: 02/12/2020
Aprovado em: 28/01/2020

* Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina, pesquisador do Leir/UFG e coordenador do GEEPA (Grupo de Estudos sobre Épica e Performatividade na Antiguidade).

Introdução

Inspirado na tradição da infância dos deuses, o tema da infância e educação heroica segue um esquema narrativo congênere na literatura da Antiguidade: como o *topos* da perseguição, a fuga do destino, a condição de marginalidade (no sentido de habitar às margens) representada, muitas vezes, pelo disfarce entre os mortais até a revelação e a aceitação da empresa heroica. Em geral, o nascimento do herói configura uma espécie de novidade ou anomalia que põe em risco um *status quo*. Por essa razão, os detentores da hegemonia tentam suprimir esta ameaça, seja pela exposição do recém-nascido às forças da natureza e à fome ou pelo simples exílio forçado (BETTINI; LENTANO, 2013, p. 43).

Algumas destas narrativas são emblemáticas. Ao nascer, o célebre filho de Laio e Jocasta foi exposto no monte Cíteron com os tornozelos atados por uma correia. Édipo, que literalmente significa 'pés inchados', foi posteriormente acolhido por um pastor que o levou para Corinto (LIDELL; SCOTT, 1996, p. 1201). Cumpre mencionar também o mito fundador de Roma, segundo o qual os gêmeos abandonados de Reia Sílvia, Rômulo e Remo, foram encontrados por uma loba que, ao amamentá-los, impediu que morressem de fome. As narrativas de abandono dos heróis traduzem, de forma implícita, o reconhecimento da constituição frágil da cria humana, que, diferentemente de outros animais, é incapaz de sobreviver fora do meio social. Dessa forma, ao conseguir escapar da morte iminente, por ação de algum animal, ou mesmo de seres fronteiriços, como as ninfas e os pastores, coloca-se em evidência não apenas a intervenção do destino e a proteção divina, mas também as qualidades excepcionais do herói, como a resiliência e o carisma.

Buscando completar as lacunas da tradição homérica e até mesmo explicar certos traços da personalidade heroica, poetas, tragediógrafos e mitógrafos compilaram narrativas sobre os anos iniciais da infância e educação dos heróis do ciclo troiano. A partir do que se considera um dos poemas mais conhecidos da Antiguidade, "desenvolveu-se pouco a pouco um ciclo de Aquiles, com incidentes e lendas, até mesmo divergentes", que completaram o *mainstream* da *Ilíada* (GRIMAL, 2014, p. 36). As mais antigas referências sobre a participação do centauro Quíron na educação do herói encontram-se na *Ilíada* e em um fragmento do *Catálogo das mulheres* atribuído a Hesíodo (Homero, *Iliad*, XI, 830-832; Hesíodo, *Catalogus mulierum*, fr. 68). Já as explicações sobre a quase invulnerabilidade do Eácida por artifício da mãe, Tétis, são bem posteriores aos *Poemas Homéricos* e aparecem a partir de Apolodoro (*Bibliotheca*, III, 13,06). A passagem de Aquiles por Ésquiro, ocultado sob o disfarce de Pirra, junto às filhas do rei Licomedes, foi tema de uma tragédia de Eurípedes, denominada *Skyrioi*, mas conhecemos este episódio

da infância do herói, principalmente, através dos autores romanos, Ovídio (*Ars Amatoria*, I, 682-705) e Estácio (*Achilleis*).

Narrativas sobre a infância dos príncipes troianos foram também adicionadas ao ciclo heroico. Os prodígios que cercam o nascimento de Páris ganham espaço, principalmente entre os tragediógrafos do período clássico e com o desenvolvimento da personagem Hécuba nas peças de Eurípedes. Príamo é aconselhado por um oráculo a eliminar Páris Alexandre logo no nascimento,¹ poupando assim seu reino da destruição, mas, ao invés de matar o filho, Hécuba manda expor o recém-nascido no monte Ida, onde é encontrado e criado por pastores. Já em outra variante do mito, a criança é amamentada por uma urso (Eurípedes, *Troades*, 921). O rapaz cresceu forte e vigoroso e, por encontrarem nele um protetor, os pastores o batizaram de "Alexandros".²

Se o nascimento de Páris representa a perdição de Troia pela queda de Príamo, Eneias promete sua continuidade através da linhagem de Assáraco. O Canto II da *Ilíada* traz uma breve indicação sobre a genealogia e a criação de Eneias entre as ninfas do monte Ida, mas é o *Hino Homérico a Afrodite* que desenvolve o tema da união de Anquises com Afrodite e a primeira infância do semideus (Hom., *Il.*, II, 819-821; *Hymnus ad Venerem*). Aqui se encontra uma das explicações etimológicas para o nome do herói, Αἰνεΐας, batizado em razão da "terrível dor" (αἰνόν ἄκος) que acomete a deusa ao deitar-se com um mortal (*H. Ven.*, 198-199). Por este constrangimento, um pacto de silêncio é imposto a Anquises, que só conhecerá o filho aos quatro anos de idade (*H. Ven.*, 274). O tema da sobrevivência de Troia através da linhagem de Eneias é retomado também no *Hino a Afrodite* quando a deusa declara:

σοὶ δ' ὄσται φίλος νῖός ὃς ἐν Τρώεσσιν ἀνάξει
καὶ παῖδες παίδεσσι διαμπερὲς ἐκγεγόνται (H. Ven., 196-197).

Tu terá um filho amado, que reinará sobre Tróia
e, continuamente, filhos nascerão de seus filhos
(Tradução de Flávia Regina Marquetti).

A expressão "governará sobre os troianos", Τρώεσσιν ἀνάξει, e "filhos nascerão de seus filhos", καὶ παῖδες παίδεσσι ἐκγεγόνται, é quase uma repetição da profecia de Poseidon, no Canto XX da *Ilíada*, a respeito do futuro da estirpe de Eneias e da extinção da prole de Príamo (Hom., *Il.*, XX, 300-308). A partir deste mote homérico, desenvolveram-se várias narrativas sobre a fuga de Eneias e a peregrinação dos troianos rumo ao Oeste.³

¹ Ao término da gravidez, Hécuba havia sonhado que dava à luz uma tocha que ateava fogo à cidadela de Troia.

² De acordo com o *Greek-English Lexicon*, o epíteto ἀλέξανδρος significa "homem defensor" (LIDELL; SCOTT, 1996, p. 62).

³ De acordo com o sumário da *Ilious Persis*, poema atribuído a Arcino de Mileto, o herói teria abandonado a cidade logo

Dionísio de Halicarnasso, no Livro I das *Antiguidades Romanas*, traz uma compilação de autores que se ocuparam do assunto e monumentos que, de acordo com ele, “atestavam” a rota de Eneias até a Península Itálica, como a fundação da cidade de Aeneia, na Península Calcídia, e a dedicação de vários templos a Afrodite e à Grande Mãe no Mediterrâneo (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 48-51). O motivo da fuga de Troia também ganhou espaço nos ateliês dos ceramistas do Período Arcaico. Alguns vasos áticos de figuras negras, datados do século VI a.C., trazem a representação de um guerreiro, com a panóplia completa, carregando um ancião nas costas.⁴ Muitas vezes um menino, sob a forma de um adulto miniaturizado, aparece acompanhando o grupo de perto, sendo geralmente identificado como Ascânio.⁵

Como parte do ciclo de Eneias, o jovem Ascânio é também um acréscimo posterior, uma vez que o único personagem com este nome, na *Ilíada*, é um chefe frígio que vem ao socorro de Príamo de uma região denominada Ascânia (Hom., *Il.*, XIII, 792, 862-863). Um fragmento da obra de Helânico de Mitilene (séc. VI a.C.) é o mais antigo registro literário a citá-lo como filho mais velho de Eneias, enviado, depois da guerra de Tróia, para o país dos Dascítios, onde estabeleceu um governo temporário (Helânico, *Troika apud* Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 46-47). Nesta versão da *Troika* de Helânico, Ascânio nunca chegou à Península Itálica, mas regressou para Troia com um descendente de Heitor, denominado Escamândrio (um epíteto de Astíanax, cf. Hom., *Il.*, VI, 402),⁶ a fim de restaurar a cidade.

A partir de um processo de assimilação do ciclo troiano às narrativas de fundação do Lácio, Ascânio ganhou destaque como fundador de Alba Longa tal como aparece já nos *Anais* (fr. 3), de Fábio Pictor, e nas *Origens* (fr. 12), de Catão. Entre os autores

após a morte de Laoconte, levando parte da população com ele (Arctino de Mileto, *Iliupersis apud* Proclo, *Chrestomathia*, II). Por sua vez, os registros mais antigos de Eneias como herói migrante e fundador remontam a Helânico de Mitilene, logógrafo e poeta do século VI a.C. que se dedicou à gesta dos heróis gregos e troianos que fundaram cidades a Oeste (Helânico, *Troika apud* Dionísio de Halicarnasso, *Antiquitates Romanae*, I, 46- 47).

⁴ No artigo *Aeneas: an Etruscan foundation legend*, Peter Mountford (2011) contabilizou mais de setenta vasos com o motivo da fuga de Eneias, dos quais dezessete foram encontrados no sul da Etrúria; destes, os mais antigos são vasos etrusco-coríntios do século VI a.C. e os mais recentes, vasos áticos de figuras vermelhas, datados de 450 a.C. (MOUNTFORD, 2011, p. 6). Segundo o pesquisador da Universidade de Melbourne, os etruscos estavam pelo menos familiarizados com o motivo troiano, reconhecendo a Eneias o *status* de herói peregrino e fundador (MOUNTFORD, 2011, p. 6).

⁵ Como exemplos, podemos citar a *kylix* assinada por Nicóstenes, encontrada na região de Vulci, datada de 550 a.C., atualmente da coleção do Louvre (F 122. Département des Antiquités Grecques, Étrusques et Romaines, Museu do Louvre) e a ânfora do Museu de Boulogne-sur-Mer, na qual aparecem Eneias carregando Anquises, precedido por uma criança (Inv. 98, Boulogne-sur-Mer, Château-Musée). A imagem da *kylix* de Nicóstenes está disponível no endereço eletrônico abaixo: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/artifact?name=Louvre+F+122&object=Vase>>. Acesso em: 30 set. 2020.

⁶ Este epíteto deriva de Escamandro (Σκάμανδρος), um rio que corria nas proximidades de Troia citado várias vezes na *Ilíada*. Por sua vez, o nome Ascânio era também o topônimo para um rio/lago localizado na região da Bitínia mencionado nas *Geórgicas* e por Plínio, na *História Natural* (GLARE, 1968, p. 179; Plínio, *Naturalis Historia*, V, 148; Virgílio, *Georgicon*, III, 270). Conhecia-se por Ascânia, de acordo com Plínio, o Antigo, a região na Frígia onde este lago/rio estava localizado (Plin., *Nat.*, V, 144).

latinos, o filho de Eneias passou a ser conhecido também pelo nome lulo, uma vez que este fundador mítico foi gradativamente incorporado à genealogia familiar dos *Iulii*. Esta *gens* de patrícios romanos, por volta do século II a.C., já se apresentava no cenário de competição política como descendente de Eneias através de Ascânio-lulo (Cat., *Orig.*, fr. 11; *Origo Gentis Romanae*, XV, 05).

As citações sobre o personagem nas fontes pré-*virgilianas* são bem esporádicas e remetem, mormente, aos conflitos com os outros filhos de Eneias: um certo Euríbate, citado por Cássio Hemina, e Sívlio Eneias, filho de Eneias e Lavínia (Cássio Hemina, *Annales*, fr. 06; Cat., *Orig.*, fr. 08). Destarte, foi com a *Eneida* de Virgílio que o personagem do pequeno Ascânio-lulo adquiriu carnadura e personalidade (GRIMAL, 2014, p. 49). Partindo de um repertório mítico-poético que o precedia em séculos, Virgílio optou por imortalizar a figura de Ascânio-lulo como herói juvenil em seu poema épico, minimizando os desdobramentos mais nebulosos de sua biografia.⁷ Entre as epopeias da Antiguidade, a *Eneida* foi a que, talvez, mais concedeu espaço a um personagem mirim. O presente artigo tem por objetivo investigar as apropriações poéticas do tema da infância heroica a partir da construção dos personagens Ascânio-lulo e da rainha volsca, Camila, na *Eneida*. Embora projetada na idade heroica, ou no passado pré-fundacional, a epopeia *virgiliana* revela importantes aspectos da percepção romana sobre as fases formativas conhecidas como *infantia*, *pueritia* e *pubertas* e sobre os respectivos papéis de gênero. Busca-se questionar em quais termos os heróis *virgilianos* performam ou transgridem essas etapas, seja pela excelência ou pelo desvio.

O jovem Ascânio-lulo na *Eneida*

Depois dos nomes de Eneias, Júpiter e Turno, o filho de Eneias e Creusa é o mais citado em toda a extensão do poema: são quarenta e uma ocorrências para *Ascanius* e trinta e cinco ocorrências para *Iulus*, nomes que o poeta alterna por razões métricas e estilísticas. O célebre classicista H. Osborne Ryder (1917, p. 210) observa que “Ascânio é esta personalidade propulsora que opera por trás do pai e sem o qual dificilmente haveria um *pious Aeneas*, lançado por terra e mar, até o estabelecimento das fundações que conduziram a Roma”.

Diferentemente do plano narrativo comum de violência, perseguição, exílio e anonimato da biografia heroica, a infância/adolescência de Ascânio é colocada sob o

⁷ De acordo com uma tradição registrada por Catão, o Antigo, depois da morte de Eneias, Lavínia é perseguida por Ascânio e forçada ao exílio nas florestas do Lácio. Local onde dá à luz o filho póstumo de Eneias, Sívlio (Cat., *Orig.*, fr. 08; Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 70).

signo da proteção e do cuidado. Virgílio transforma lulo em um componente essencial do enraizamento da herança troiana no Lácio e suas aparições estão relacionadas, quase sempre, a momentos decisivos da trama bem como da revelação/confirmação do *fatum*. A primeira menção ao rapaz, na *Eneida*, ocorre na profecia de Júpiter, no Livro I

At puer Ascanius, cui nunc cognomen lulo
additur,—Ilus erat, dum res stetit Iliæ regno,—
triginta magnos volvendis mensibus orbis
imperio explebit, regnumque ab sede Lavini
transferet, et longam multa vi muniet Albam (Virgílio, *Aeneis*, I, 267-274).

Mas o menino Ascânio, a quem de lúlo
dão hoje o sobrenome (Ilo o diziam
enquanto Ílio existiu e foi potência)
trinta encherá anos com o seu reinado,
e, de Lavínio transferindo a corte
fundará de Alba Longa a fortaleza (Tradução de José Victorino Barreto Feio).

Esta profecia é dirigida às aflições de Vênus, que teme pelo futuro de Eneias e dos troianos em razão da tempestade convocada por Juno no início da *Eneida* (Verg., *Aen.*, I, 80-123). Em todo o poema esta é a única alusão a Ascânio como Ilo, nome que deriva de Ílion e também pertence a um dos reis da linhagem de Teucro (Verg., *Aen.*, VI, 650). Através da nomenclatura de Ascânio, estes hexâmetros marcam a transição entre o passado da extinta Ílion e o futuro do filho de Eneias como fundador de Alba e ancestral dos *Iulii*. Como parte do futuro prognosticado, caberá ao filho de Eneias e de Creusa transferir o *regnum* para Alba Longa após trinta anos da fundação de Lavínio. Vários desdobramentos da trama concorrem para a concretização desta profecia através do afastamento do jovem lulo de inúmeras ameaças associadas às guerras e ao exílio no mar.

Vênus refere-se ao neto como *mea maxima cura* e toma providências para preservá-lo logo na chegada dos troianos ao litoral de Cartago (Verg., *Aen.*, I, 678). Enquanto Cupido toma a forma de lulo, Vênus derrama sobre o menino um sopro levando-o em segurança ao bosque Idálio na ilha de Chipre (Verg., *Aen.*, I, 691). Durante o saque de Troia é também Vênus quem recorda a Eneias os deveres da *pietas* de defender sua família e o filho vulnerável (Verg., *Aen.*, II, 594-598). Esta forma de tutela divina é também exercida por Apolo que, no Livro IX, refere-se ao garoto como “filho e futuro pai dos deuses” (*dis genite et geniture deos*) (Verg., *Aen.*, IX, 642). Depois de elevar elogios à destreza do jovem Ascânio com o arco, Apolo o aconselha a se afastar da batalha (Verg., *Aen.*, IX, 656).

Posto o desígnio de preservação da prole de Eneias, Virgílio constrói um contraponto entre Ascânio e outros personagens que tiveram sua infância/juventude interrompida por mortes violentas ou pela sujeição ao cativo. Logo no Livro I, uma das

cenar representadas no friso do Templo de Juno, em Cartago, evoca a figura de Troílo abatido pelas armas do terrível Aquiles assim quando os gregos desembarcam em Troia (Verg., *Aen.*, I, 475). Trata-se do filho mais jovem de Príamo e Hécuba, citado uma única vez, na *Ilíada*, no canto final do poema (Hom., *Il.*, XXIV, 257). O desenvolvimento deste personagem do ciclo troiano, que simboliza a juventude ceifada, é resultado da produção artístico-literária do período pós Homérico.⁸ Virgílio descreve Troílo como "*infelix puer*", sendo arrastado pelos próprios cavalos enquanto toca o chão com os cabelos (Verg., *Aen.*, I, 475-478). Em uma orientação semelhante, o poeta utiliza a expressão "*miserande puer*", por vezes como apóstrofe emocional, para lamentar a sorte de outros jovens: Marcelo, filho de Otávia e sobrinho de Augusto (Verg., *Aen.*, VI, 882); Lauso, morto em batalha por Enéias (Verg., *Aen.*, X, 825) e Palante que morre pelas mãos de Turno (Verg., *Aen.*, XI, 42).

Astíanax, filho de Heitor e Andrômaca, é outro príncipe troiano cuja morte precoce é recordada na *Eneida*. Em uma passagem do Livro III, na qual Andrômaca presenteia Ascânio com uma clâmide do filho, a viúva de Heitor declara: "Só tu a imagem me lembras do meu falecido Astianax [...] na adolescência risonha de agora contigo entraria" ("*O milli sola mei super Astyanactis imago [...] et nunc aequali tecum pubesceret aeuo*") (Verg., *Aen.*, III, 489-491. Trad. Carlos Alberto Nunes). Virgílio suprime os detalhes mais cruentos da morte de Astíanax que, nas tragédias de Eurípedes e de Sêneca, é jogado [ou cai]⁹ de uma das torres da cidadela (Eur., *Tro.*, 719; Sêneca, *Troades*, 1103).

Mesmo em uma leitura descontraída da *Eneida*, fica evidente a construção de Ascânio como peça de anúncio e desdobramento do *fatum*. Portentos que envolvem o rapaz são pontos de inflexão na trama ou determinam a tomada de decisões. Por exemplo, são as chamas que brotam dos cabelos de lulo que impedem Eneias de retomar o combate pela defesa de Troia e decidir, na sequência, fugir em busca de uma nova pátria (Verg., *Aen.*, II, 682-684). No Livro V, o jovem é o primeiro a interpelar as mulheres troianas que ateavam fogo às embarcações e, no início do Livro VII, é Ascânio quem se dá conta do cumprimento da profecia de Heleno, que assinala o fim da peregrinação pelo mar (Verg., *Aen.*, V, 671-674; VII, 116).¹⁰ No Livro VII, relativo à chegada dos troianos no

⁸ Depois da *Ilíada*, o rapaz é citado nos *Cantos Cíprios*. *Troílo* é o título de duas tragédias que se perderam, uma atribuída a Frínico e outra atribuída a Sófocles. Além disso, uma infinidade de pinturas em cerâmica retrata o rapaz sendo brutalmente arrancado dos cavalos por Aquiles, enquanto intenta a fuga. Em uma variante tardia, registrada pelo Primeiro Mitógrafo do Vaticano, figura o oráculo segundo o qual Troia não poderia ser conquistada caso o rapaz atingisse a vida adulta (GRIMAL, 2014, p. 456). Esta vertente pode ter se formado na tradição interpretativa da *Eneida*, em uma assimilação com a cena dos cavalos de Reso, justaposta ao quadro de Troílo no Templo de Juno, em Cartago.

⁹ No caso específico das *Troianas*, de Sêneca, depois de todos os preparativos para o sacrifício do menino e das preces elevadas aos deuses, Astíanax se atira espontaneamente da muralha.

¹⁰ Este prodígio, vaticinado pelo filho de Príamo em Butroto, no Livro III, revela a Eneias o fim da jornada pelo mar, enquanto que a porca branca com os trinta leitões, também profetizada ao herói, indica o local preciso onde a nova cidade deveria ser erguida para os troianos (Verg., *Aen.*, III, 375-460). As mesas em questão são as tortas de cereal

Lácio, situa-se o episódio da caça de lulo que, por intervenção da fúria Alecto, resulta na morte de um cervo protegido dos bosques de Latino, desatando os conflitos no Lácio (Verg., *Aen.*, VII, 475-539).

Percepções da infância na epopeia de Virgílio: dos folguedos aos exercícios militares

Cabe notar que Ascânio, inclusive na profecia de Júpiter, é referido como *puer Ascanius*, condição diametralmente oposta à de *uir* ou “varão”, maneira como Virgílio se refere comumente a Eneias. O adjetivo *puer* aparece como uma constante que o acompanha ao longo de todo o poema, inclusive nos últimos livros da *Eneida*, quando realiza sua estreia nas guerras do Lácio e comanda o acampamento troiano na ausência do pai.¹¹ Por sua vez, guerreiros ainda em formação, como Niso, Eurílo, Palante e Lauso, são também denominados *pueri* (Verg., *Aen.*, V, 295; VIII, 581; X, 825). Assim, existe menos uma preocupação do poeta em demarcar, de forma objetiva, as etapas do amadurecimento de Ascânio-lulo do que sugerir que ele não havia ainda alcançado a *uirilitas* nos últimos acontecimentos da *Eneida*. Dentro do texto poético, mesmo essa transição da *infantia* para a *pueritia* e desta para a *pubertas* pode ser inferida apenas por algumas vagas indicações.

Por *infans* os autores romanos compreendiam a criança balbuciente, desprovida do dom da palavra e esta condição, conhecida como *infantia*, se estendia até os sete anos de idade (FARIA, 1962, p. 494; Cícero, *De Finibus*, V, 15, 42; *Brutus*, 278). O termo aparece apenas quatro vezes na *Eneida* e nenhuma delas está vinculada ao filho de Eneias: a primeira ocorre em alusão às almas das criancinhas, presas no vestibulo do Averno, que foram arrebatadas do seio materno e, as outras três, são referentes a Camila, rainha dos Volscos (Verg., *Aen.*, VI, 427; XI, 541, 549, 573). No Livro XI, uma interessante digressão de Diana, que analisaremos mais adiante neste artigo, explica como Metabo fugiu da capital volsca, Priverno, carregando a filha Camila, ainda bebê, nos braços (Verg., *Aen.*, VI, 556-594).

Na narrativa sobre a invasão de Tróia, Eneias refere-se ao filho, várias vezes, como *paruus Iulius*, ao destacar a vulnerabilidade do garoto em meio ao caos das pilhagens e da fuga (Verg., *Aen.*, II, 563, 674, 677, 710, 723). Com uma conotação mais afetiva, os adjetivos *paruus*, “pequeno” e *paruulus*, “pequenino”, são comumente associados às crianças de tenra idade e encontrados, inclusive, na epigrafia funerária (GLARE, 1968, p. 1304). Do episódio da fuga em diante, Ascânio passa a ser referido não mais como *paruus*,

usadas para apoiar as iguarias do primeiro repasto em terras itálicas. A fome gerada pelo longo tempo de peregrinação no mar impele os troianos a devorar todos os alimentos disponíveis, inclusive as tortas.

¹¹ Nas seguintes passagens da epopeia o uso do adjetivo *puer* guarda relação direta com Ascânio-lulo: Verg., *Aen.*, I, 267, 678, 714; II, 597; III, 490-491; IV, 156, 354; V, 74, 569; IX, 641, 656; X, 70, 133, 236, 605; XII, 435.

mas sim como *laetus lulus*, “alegre lulo” (Verg., *Aen.*, IV, 140) ou *pulcher lulus*, “belo lulo” (V, 570; VII, 107; IX, 293, 310).

O ingresso do jovem na etapa em que os romanos reconheciam como *pubertas* é pouco evidente no poema. Curiosamente, uma das explicações etimológicas para o nome de lulo deriva do grego *ioulos*, “barba rala”,¹² em referência à primeira lanugem de barba que cresceu no rapaz quando este derrotou um rival em combate (Sérvio, *Vergilii carmina comentarii, Aeneis* I, 267). Na *Eneida*, no entanto, esta primeira façanha bélica ocorre somente no Livro IX, durante o cerco inimigo ao acampamento troiano.

Mais do que uma transformação fisiológica, a passagem da *pueritia* para a *pubertas* implicava um conjunto de obrigações sociais e atividades apropriadas à condição de *pubes*. Entre os autores romanos não é possível depurar um consenso sobre os limites etários da puberdade, que variou segundo o contexto histórico e o entendimento filosófico, médico ou jurídico do termo (BAGLEY, 2016, p. 41-73). Do ponto de vista legal, isto implicava a idade mínima para casar e um conjunto reduzido de responsabilidades financeiras. Segundo o Direito romano, a criança impúbere era incapaz de qualquer ação legal sem a *auctoritas* de um tutor (RAWSON, 2003, p. 138). Cabia aos genitores das famílias aristocráticas decidirem quando os meninos estariam aptos para a cerimônia (idade que variava dos 13 aos 18 anos), que marcava sua estreia na vida pública: um complexo ritual no qual deixavam a *toga praetexta* e a *bulla* para adotarem a *toga uirilis*.¹³ A partir deste momento, os rapazes estavam autorizados a assistir às reuniões do Senado ou do conselho dos decuriões e já poderiam ingressar nas fileiras do exército como *iuniores* (RAWSON, 2003, p. 352). Nada impedia, no entanto, que adolescentes da *domus* imperial e da aristocracia romana assessorassem generais ou governadores de província nas campanhas militares, como um meio de acumular experiência.

De modo geral, a rotina dos meninos impúberes (especialmente, os nascidos livres e de condição privilegiada) se dividia entre as lições com o *litterator* ou com o *grammaticus* e os folguedos domésticos. Marco Fábio Quintiliano, autor da *Instituição*

¹² Esta investigação a respeito do nome de lulo é atribuída a certo César (possivelmente o mesmo Lúcio César citado na *Origo Gentis Romanae*) derivada do interesse do autor em genealogia familiar. A segunda explicação etimológica provém de *ioboulos*, que significa habilidoso com o arco (Serv., *ad. Virg. Aen.*, 267). Sobre os desafios metodológicos trazidos pelos fragmentos e obras atribuídas a César ou Lúcio César, citados com frequência nas *Origo Gentis Romanae*, confira-se Jacques Perret, no livro *Les origines de la légende troyenne* (1942), e Christopher J. Smith, em *Caesar and the History of Early Rome* (2010).

¹³ Adorno característico dos meninos, filhos de cidadãos romanos, a *bulla* era uma espécie de amuleto com função apotropaica. Era colocado ao redor do pescoço da criança, pouco depois do seu nascimento. Geralmente, as crianças da aristocracia utilizavam uma *bulla* de ouro, mas outros materiais como couro e tecido eram usados em sua confecção (RAWSON, 2003, p. 111). A *toga praetexta* era a toga branca com uma faixa púrpura nas extremidades (também de cunho apotropaico), utilizada pelos principais magistrados, pelos rapazes que não atingiram a maturidade e também por moças solteiras da aristocracia (EDMONDSON, 2008, p. 26). Já a *toga uirilis* não possuía qualquer ornamento, era o principal símbolo do ingresso do indivíduo na vida pública.

Oratória, reconhece que até crianças muito jovens demonstravam capacidade mnemônica e eram capazes de memorizar trechos curtos de poesia, aforismos e reter alguns princípios morais, mas não deveriam ser pressionadas demais (Quintiliano, *Institutio Oratoria*, I, 15-20). Por essa razão, jogos e competições deveriam ser estimulados como uma forma de aprendizado informal (Quint., *Inst.*, I, 20). Aros, piões, bolas, carrinhos de empurrar e uma grande variedade de brinquedos são revelados através das evidências literárias e arqueológicas romanas (RAWSON, 2003, p. 128). Em um símile muito interessante, utilizado para descrever a vagância frenética da rainha Amata pelo Lácio, incitada pela Fúria Alecto, Virgílio retrata um dos folguedos e jogos praticados pelos meninos nos átrios das casas romanas.

Ceu quondam torto uolitans sub uerbere turbo,
 quem pueri magno in gyro uacua atria circum
 intenti ludo exercent; ille actus habena
 curuatis fertur spatii; stupet inscia supra
 inpubesque manus, mirata uolubile buxum;
 dant animos plagae non cursu segnior illo
 per medias urbes agitur populosque feroces (Verg., *Aen.*, VII, 378-384)

Como um pião que os meninos impelem com a corda trançada,
 a percorrer obrigando-o nos átrios vazios um grande
 círculo, atentos no jogo infantil pasma a turba de crianças,
 ao ver as curvas e giros que o pião inconstante desenha
 no liso chão com vigor renovado pelos golpes da corda,
 ininterruptos e enérgicos: do mesmo modo a rainha,
 sempre a correr por cidades e tribos de povos ferozes
 gira sem pausa (Tradução Carlos Alberto Nunes).

O objeto descrito, em latim, *turbo*, consiste em algum tipo de pião, pitorra, utilizado nos jogos dos meninos aqui caracterizados como *impuberes*, ou seja, imberbes. Mais abaixo é referido como *buxum*, nome de uma planta arbustiva cuja madeira, extremamente rígida, era utilizada na fabricação de objetos como flautas,¹⁴ pentes, tabuinhas de escrita e dos piões (Verg., *Aen.*, VII, 382; FARIA, 1962, p. 145). Diferentemente dos nossos piões de corda, o artefato é impulsionado por algum tipo de correia ou açoite,¹⁵ *uerber*, que o fazia ganhar velocidade na medida em que as crianças renovavam os golpes, "*uolitans sub uerbere*" (Virg., *En.*, VII, 378). Este símile de Virgílio oferece um contraponto agradável às

¹⁴ Em sentido figurado, Virgílio utiliza a mesma palavra para referir-se à flauta dupla utilizada pelos sacerdotes de Cibele (Verg., *Aen.*, 382).

¹⁵ Um detalhe da pintura de Pieter Bruegels intitulada *Die Kinderspiele*, "Jogos de crianças" (1560), pode auxiliar a compreender a mecânica deste tipo de pião. No quadrante superior esquerdo da tela, é possível verificar a representação do pórtico de uma residência, com quatro crianças que acompanham atentamente o movimento de dois piões, no chão. Dois destes meninos exibem, nas mãos, açoites que imprimem movimento às pitorras. Executada com a técnica de pintura a óleo sobre madeira, a tela mede 118 cm x 161 cm e pertence ao *Kunsthistorisches Museum* de Viena. Disponível em: <<https://www.khm.at/objektdb/detail/321/>>. Acesso em 01/09/2020.

cenar de humilhação moral e aos castigos corporais que geralmente estão associadas à infância e à educação na Antiguidade.

Na *Eneida*, os meninos em idade mais avançada aparecem envolvidos em práticas esportivas e militares. Às portas da cidade de Latino, Virgílio descreve uma multidão de “meninos e jovens em idade florida” (“*pueri et primaeuo flore iuventus*”) entretida com exercícios bélicos como a equitação, o manejo dos carros de combate, o treino com o arco e o lançamento de dardos (Virg., *En.*, VII, 162-168, Trad. Carlos Alberto Nunes). Uma das passagens mais comentadas da epopeia de Virgílio diz respeito à cerimônia conhecida como *Lusus Troiae* ou *Ludus Troianus* durante as celebrações do aniversário de morte de Anquises, no Livro V. Com o propósito de honrar a memória do pai, Eneas organiza um torneio em várias modalidades, como a regata, a corrida, o combate de pugilistas, seguido do tiro com o arco. O tema emula os jogos fúnebres em homenagem a Patroclo, do Canto XXIII da *Ilíada*, com alguns elementos originais, como a cavalgada dos meninos troianos. Segundo a latinista Zélia de Almeida Cardoso (1997, p. 117), o *Ludus Troianus* apresenta maior semelhança com um desfile para a exibição das habilidades de equitação dos garotos do que propriamente uma competição, visto que não há uma prova a ser disputada como as anteriores.

Os jovens são separados em três diferentes turmas de cavalaria, cada qual composta por doze rapazes. Lulo, descrito ainda como *impubes*, “impúbere” ou “imberbe”, aparece comandando uma turma de meninos troianos (Verg., *Aen.*, V, 546). Os outros dois esquadrões são liderados por Átis e por um dos netos do rei Príamo.¹⁶ Manobras complexas, como investidas e cercos com os ginetes, executadas pelas *turmae* de cavaleiros mirins, são destacadas pelo poeta como simulacros de guerra (*pugnae simulacra*) (Verg., *Aen.*, V, 585). O equipamento levado pelos cavaleiros sugere também esta relação com os exercícios militares: alguns trazem hastas duplas, com pontas de ferro, enquanto outros apoiam aljavas nos ombros.

Depois de descrever as manobras e evoluções dos meninos troianos no espaço do circo, dessa forma Virgílio apresenta a etiologia para os jogos que eram celebrados em seu próprio tempo:

*hunc morem cursus atque haec certamina primus
Ascanius, Longam muris cum cingeret Albam,
rettulit et priscos docuit celebrare Latinos,
quo puer ipse modo, secum quo Troia pubes* (Verg., *Aen.*, V, 596-599).

¹⁶ Através deste personagem, muito afeiçoado ao jovem Ascânio, Virgílio constrói uma genealogia heroica para os *Atii* ou *Ácios*, uma das ramificações da família materna de Otávio. Para uma discussão mais aprofundada a respeito das genealogias familiares (Cf. MOTA, 2015, p. 132-236).

Destas justas, depois, destes torneios
 Ascânio o estilo introduziu primeiro
 Quando cercou de muros Alba Longa
 Dele os priscos Latinos aprenderam
 Estes jogos, tais quais ele em menino
 Com a Teucra juventude os celebrara (Tradução José Victorino Barreto Feio).

No trecho acima, Ascânio recebe créditos por estabelecer esta tradição no Lácio através da fundação de Alba Longa. Em Roma, no entanto, não existe qualquer registro do jogo equestre denominado *Troia* ou Τροία antes do ditador Lúcio Cornélio Sula que, segundo Plutarco, selecionou meninos de nascimento ilustre – εὐγενεῖς παῖδες – para participar do desfile, entre eles um sobrinho de Pompeu e Catão de Útica (Plutarco, *Cato Minor*, 03). Entre os espetáculos que ofereceu ao povo romano, Júlio César promoveu também o *Lusus Troiae*, que passou a se vincular à genealogia heroica de sua família (Suetônio, *Diuus Iulius*, 39).

Na trilha do pai adotivo, Suetônio informa que Otávio “realizou os jogos troianos, com muita frequência, com meninos grandes e pequenos selecionados, julgando ser um costume antigo e distinto” (“*Troiae lusum edidit frequentissime maiorum minorumque puerorum, prisci decorique moris existimans*”) (Suet., *Diuus Augustus*, XLIII. Trad. Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos). O *princeps* utilizou-se do evento para inaugurar monumentos de conotação dinástica e projetar os jovens prodígios de sua *domus*. Através dos autores romanos, tem-se conhecimento de pelo menos três ocasiões: durante a consagração do Templo do Divino Júlio, *Aedes Diui Iulii*, em 29 a.C., com o jovem Tibério liderando uma *turma* de cavalaria (Dion Cássio, *Historia Romana*, LI, 22; Suet., *Tiberius*, 06). No ano 13 a.C., por ocasião da inauguração do Teatro de Marcelo, Augusto incluiu seu neto, Gaio, e outros garotos de origem patrícia no desfile (Cass. Dio, *Hist. Rom.*, LIV, 26). E, por fim, na dedicação do Templo de Marte Vingador, no ano 1 a.C., com participação do neto mais novo do *princeps*, Agripa Póstumo (Cass. Dio., *Hist. Rom.*, LV, 26).

Se havia qualquer intenção de mimetizar a cena heroica dos meninos troianos, imortalizada nos versos da *Eneida*, nem tudo parece ter ocorrido conforme o planejado nessas performances de cavalaria. De acordo com Suetônio, os acidentes repetidos com os jovens da aristocracia romana levaram à suspensão do *Ludus Troianus* durante um período da dinastia Júlio-Cláudia (Suet., *Aug.*, XLIII). Asínio Polião, por exemplo, apresentou queixas ao Senado em razão do neto ter fraturado uma perna ao cair do cavalo (Suet., *Aug.*, XLIII). Depois de um intervalo, o desfile foi retomado, no governo de Calígula, com o nome de *Troiae decursio* e, novamente, promovido por Cláudio, quando Nero e Britânico tiveram a oportunidade de desfilar lado a lado (Suet., *Gaius Caligula*, 18, 03; Tácito. *Annales*, XI, 11).

Por meio de vários dispositivos narrativos na *Eneida*, a história de Roma e o próprio tempo do poeta são retroprojetados no futuro de Eneias, que é apenas parcialmente visível e cognoscível ao herói, mas que faz todo sentido para os leitores/ouvintes do épico. Através dos jogos fúnebres de Anquises e da figura de Ascânio-lulo, Virgílio remonta ao passado pré-fundacional, um costume que, apenas em um passado relativamente próximo ao poeta, foi vinculado aos *Iulii*.

A infância de Camila, a rainha volsca

Como mencionado anteriormente, a digressão de Diana sobre o nascimento e os primeiros anos da vida de Camila é um excerto instigante que permite rastrear as apropriações do tema da infância heroica na epopeia virgiliana. O classicista italiano Giampera Arrigoni detectou, na narrativa sobre esta guerreira itálica, alguns traços de permanência de um mito arcaico volsco. Assim, os acontecimentos relacionados à infância de Camila e à fuga de Metabo de Privenarte, bem como a alusão ao túmulo da rainha, situado em território volsco, constituem evidências que apontam para os estratos mais antigos do mito. Por sua vez, a participação de Camila na campanha contra os troianos de Eneias e a relação da heroína volsca com a deusa Diana seriam acréscimos posteriores de uma versão romana da história (ARRIGONI, 1984, p. 630-631). Arrigoni (1984) se apoia em um fragmento das *Origens* de Catão, citado por Sérvio, para defender a antiguidade do mito:

Non mirum a nulla hunc civitate susceptum: nam licet Privernas esset, tamen quia in Tuscorum iure paene omnis Italia fuerat, generaliter in Metabum omnium odia ferebantur. Nam pulsus fuerat a gente Volscorum, quae etiam ipsa Etruscorum potestate regebatur: quod Cato plenissime exsecutus est (Cat. Orig. fr. 72 apud Servius, *In Vergilii carmina comentarii*, Aeneis, XI, 567-568).

Não pareceu espantoso que, por nenhuma nação, Metabo fosse acolhido: pois ainda que ele fosse de Priverno, todavia por que quase toda a Itália estivesse em poder dos Etruscos, em geral os ódios de todos foram conduzidos contra ele. Com efeito, ele tinha sido expulso da nação dos Volscos, que também era governada pelo próprio poder dos Etruscos: fato que Catão expôs satisfatoriamente (Tradução do autor).

Nicholas Horsfall (1988, p. 39), no texto "Camilla, o i limiti dell'invenzione", coloca em dúvida o registro de uma saga local volsca por Catão e questiona que este tenha se ocupado de Camila e Metabo nas *Origens*, visto que a citação de Sérvio é ambígua do ponto de vista hermenêutico. Na opinião de Horsfall e de outros estudiosos, a parte que pode ser atribuída a Catão, no comentário de Sérvio ("*quod Cato plenissime exsecutus est*",

“um fato que Catão explicou de maneira exaustiva”), diz respeito apenas ao assunto da dominação etrusca sobre o território volsco (HORSFALL, 1988, p. 39; SMITH, 2017, p. 10-11).

Uma vez que Camila não aparece em qualquer documento literário ou epigráfico anterior à *Eneida*, supõe-se que a rainha volsca seja uma criação de Virgílio (HORSFALL, 2003, p. 312). No entanto, não é possível falar em construção literária ou liberdade ficcional em termos equivalentes ao da cultura do romance moderno. O poeta dialoga com um repertório mitográfico e motivos convencionais do épico que são familiares ao público de leitores/ouvintes de sua epopeia. Uma possível explicação para o nome foi identificada a partir do rito religioso romano. Por *camilla* e *camillus* (versão masculina) os romanos reconheciam os auxiliares de culto, geralmente meninas e meninos, empregados em algumas cerimônias religiosas (GLARE, 1968, p. 262). Tal proximidade etimológica levou os estudiosos a deduzirem que o nome da rainha fosse um *aition* literário para as meninas recrutadas no sacerdócio de Diana (NORDEN, 1957, p. 197-198).

Sérvio Honorato, em seu comentário à *Eneida*, sugere que a Camila virgiliana teve como inspiração a história da heroína trácia Harpálice (Serv., *In Vergilii carmina comentarii, Aeneis*, I, 317). Esta última aparece na mitografia como filha do rei Harpálico, da Trácia, que foi expulso do reino por uma sedição popular, originada a partir de sua própria crueldade (GRIMAL, 2014, p. 191). Órfã de mãe, a menina foi criada com leite de égua e de vaca e habituada aos combates desde a infância (GRIMAL, 2014, p. 191). Harpálice, por vezes, aparece integrada ao grupo das amazonas.

Não se pode ignorar que as pesquisas arqueológicas nas cidades do Lácio têm fornecido pistas para a hermenêutica do texto virgiliano e o processo de transmissão dos mitos no Período Arcaico. A escavação na acrópole da cidade de *Satricum* por parte da escola holandesa, na década de 1970, trouxe à luz fragmentos decorativos em terracota de um dos templos atribuídos à *Mater Matuta*, dedicado, por sua vez, em um período de dominação volsca da cidade. Segundo o arqueólogo Alessandro De Luigi, um dos temas que se destaca na reconstrução do grupo escultórico é a amazonomaquia representada sobre o *columen* do edifício religioso (DE LUIGI, 1999, p. 226-227). Este achado arqueológico torna a equação entre os volscos e as amazonas menos fantasiosa no âmbito da *Eneida*, apontando para uma possível incorporação arcaica deste mito grego e sua transmissão em escala local (DE LUIGI, 1999, p. 230-231). Através da linguagem poética, Virgílio busca aproximar Camila das famosas guerreiras trácias, descendentes de Ares.

A primeira alusão à rainha dos volscos, na *Eneida*, ocorre no catálogo dos comandantes itálicos, aliados de Turno, inspirado no *Catálogo das Naus* do Canto II da *Ilíada*. A donzela guerreira é a última a ser apresentada,

*Hos super aduenit Uolsca de gente Camilla
agmen agens equitum et florentis aere cateruas,
bellatrix, non illa colo calathisue Mineruae
femineas adsueta manus, sed proelia uirgo
dura pati cursuque pedum praeuertere uentos* (Verg., *Aen.*, VII, 803-807).

Camila vem por fim, da gente Volsca,
Um esquadrão guerreira conduzindo
De cavaleiros, e luzidas tropas
D'aço armadas: donzela acostumada,
Não a volver com mão fêmea o fuso,
Ou a almofada e agulha de Minerva;
Mas no campo a sofrer duros combates
E a vencer na carreira os mesmos ventos (Tradução José Victorino Barreto Feio).

Camila extrapola o papel tradicional de gênero que lhe é atribuído pela cultura romana. Diferentemente de uma matrona, não se dedica às aptidões domésticas de Minerva, divindade que, embora fosse associada à estratégia militar, favorecia as artes manuais, especialmente a tecelagem. Da mesma forma, não lhe interessam os arranjos matrimoniais, uma vez que se mantém fiel ao culto de Diana, que exige uma "virgindade sem máculas" (Verg., *Aen.*, XI, 580-584). No trecho acima, Camila é apresentada como "*uirgo bellatrix*", 'virgem guerreira', a mesma nomenclatura que Virgílio utiliza para se referir a Pentésileia, a célebre rainha das amazonas (Verg., *Aen.*, I, 493). Esta analogia é buscada também no Livro XI, no símile que compara o séquito de guerreiras ítalas, que escoltava a rainha, ao grupo de mulheres trácias, que lutava ao lado de Hipólita ou Pentésileia (Verg., *Aen.*, XI, 659-664).

Valeria Viparelli (2008, p. 11-12), no artigo intitulado *Camilla: a queen undefeated, even in death*, chama a atenção para a ambiguidade de gênero inerente aos adjetivos utilizados para descrever a rainha. Sua feminilidade é sublinhada pelos atributos do corpo, seus ombros que portam a púrpura são *leuis* (Verg., *Aen.*, VII, 815); mesmo habituadas ao manejo das armas, suas mãos são *feminae* (Verg., *Aen.*, VII, 806) e seus pés prodigiosamente rápidos tais como os de Atalanta. Tal como na caracterização das potestades femininas, a excelência marcial está conjugada à beleza cativante que atrai o olhar dos jovens ítalos, que pasmam em sua presença (Verg., *Aen.*, VII, 812-817). Por sua vez, no campo de batalha ela é ao mesmo tempo *aspera* (Verg., *Aen.*, XI, 664) e *furens* (Verg., *Aen.*, XI, 709), uma vez que não se deixa subjugar no combate corporal por rival algum. No conselho em que os chefes ítalos discutem a estratégia a ser adotada contra Eneias, Camila solicita a Turno para ser a primeira a desafiar as tropas inimigas.

*[Me sine prima manu temptare pericula belli
tu pedes ad muros subsiste et moenia serua]* (Verg., *Aen.*, XI, 505-506).

Dá que eu prove primeiro à guerra os riscos
 Tu guardas os muros com as pedestres turmas
 (Tradução José Maria da Costa e Silva).

Camila compartilha tanto a disciplina quanto o sistema de valores do *uir fortis* que não se esconde nas últimas fileiras de combate (VIPARELLI, 2008, p. 14). A chave para este *ethos* de resiliência é apresentada pouco antes do engajamento da rainha volsca em combate, na passagem em que Diana relata à ninfa Ópis as origens da guerreira volsca.

Para retratar a infância de Camila, o poeta lança mão desta sequência narrativa já familiar ao público de leitores/ouvintes das epopeias, caracterizada pelas etapas de violência, perseguição, seguidas do exílio do herói e sua nutrição por animais ou seres do universo fronteiro. Metabo, o pai de Camila, é apresentado como rei de Priverno, cidade volsca da qual foi expulso por uma insurreição popular, provocada por seus atos de tirania (Verg., *Aen.*, XI, 539-545). O evento da fuga é marcado pelo prodígio da travessia do rio Amaseno, um curso de água extremamente caudaloso. Com receio de afogar a filha, Metabo projeta a criança para a outra margem do rio, presa a uma lança de carvalho (Verg., *Aen.*, XI, 560-565). Neste momento, ocorre a consagração da menina ao serviço de Diana, em troca de sua proteção. Despatriado, o rei Volsco vaga com a filha por bosques e montanhas.

[*pastorum et solis exegit montibus aeuom.
 Hic natam in dumis interque horrentia lustra
 armentalis equae mammis et lacte ferino
 nutribat, teneris immulgens ubera labris.
 Utque pedum primis infans uestigia plantis
 institerat, iaculo palmas armauit acuto
 spiculaque ex umero paruae suspendit et arcum.
 Pro crinali auro, pro longae tegmine pallae
 tigridis exuuiae per dorsum a uertice pendent*] (Verg., *Aen.*, XI, 569-577).

[Em vida pastoril viveu nos montes
 Ali por grutas hórridas, por brenhas
 De égua armental criava a filha a leite
 Que ele nos tenros lábios lhe mungia,
 E tanto que ela andar principiara
 A avezou a empurrar agudo dardo,
 Suspendendo-lhe ao ombro aljava e arco;
 Em vez de ouro que as tranças discrimine,
 Em vez de longa roçagante capa,
 De cerviz pelos ombros lhe descia
 De feroz tigre a maculosa pele] (Tradução José Maria da Costa e Silva).

Como órfã de mãe e privada da regalia de uma *nutrix*, a criança é amamentada com leite de égua selvagem. Virgílio combina o motivo da amamentação ferina, característico

da infância heroica, com o *topos* etnográfico sobre os povos das estepes que se alimentam de leite de égua (HORSFALL, 2003, p. 333).¹⁷ Ao associar as armas de combate e de caça (o dardo – *iaculum* e as flechas – *spicula*) aos primeiros passos de Camila, Diana sublinha a natureza excepcional da heroína, caracterizada ainda como *infans* (criança balbuciante) e *parua* (no sentido de pequena, vulnerável) (Verg., Aen., XI, 573-575).

A fuga do papel tradicional de gênero transparece na narrativa sobre a infância a partir da recusa dos adereços identificadores das *puellae* e matronas. Entende-se por *longa palla*, no hexâmetro 576, um tipo de manto retangular de uso quase exclusivo do vestuário feminino romano (GLARE, 1968, p. 1284). Já a palavra *exuuia* é empregada para designar a pele dos animais abatidos (Verg., Aen., IX, 307; Ov., *Met.*, I, 476), contudo, ela é mais utilizada no vocabulário da *Eneida* como sinônimo de *spolia*, indicando, assim, o equipamento subtraído do inimigo vencido¹⁸. Logo, a substituição do manto e dos ornamentos de ouro pela pele de tigre (*exuuia*) cria um contraste incomum uma vez que, pela vestimenta, a *parua* Camila é aproximada de Hércules e de alguns heróis da *Ilíada*, como Agamenon e Diomedes, que são descritos trajando pele de leão, (Verg., Aen., VII, 666; Hom., *Il.*, X, 23-24; 177-178). A referência ao espólio do tigre tem, possivelmente, o intuito de causar estranhamento no público de ouvintes-leitores da *Eneida* visto que o contato com este felino asiático pode ter ocorrido durante alguma das *uenationes* (Cass. Dio, *Hist. Rom.*, LIV, 09, 08). Os versos seguintes recordam a introdução precoce da garota na prática cinegética e, conseqüentemente, nas artes militares.

*Tela manu iam tum tenera puerilia torsit
et fundam tereti circum caput egit habena
Strymoniamque gruem aut album deiecit olorem.
Multae illam frustra Tyrrhena per oppida matres
optauere nurum: sola contenta Diara
aeternum telorum et uirginitatis amorem
intemerata colit* (Verg., Aen., XI, 578-584).

Pueril javelina disparava,
Girar fazia a funda em torno à frente,
Grou Strimônio matando ou alvo cisne!
Muitas a procuraram mães Tirrenas
Para esposa dos filhos, mas contente
Só com Diana, conservou eterno
Da vingindade o amor, o amor das setas (Tradução José Maria da Costa e Silva).

¹⁷ Esta referência aos nômades bebedores de leite aparece na *Ilíada* antes mesmo de figurar nos relatos de viagem (Hom., *Il.*, XIII, 03-06; Strab., VII, 03, 03).

¹⁸ O vocábulo é encontrado em onze recorrências na *Eneida*: II, 275; II, 473; II, 646; IV, 496; IV, 507; IV, 651; IX, 307; X, 423; XI, 7; XI, 577; XI, 790; XII, 946.

A extrema desenvoltura na caça é uma das qualidades que a filha de Metabo compartilha com o jovem Ascânio-lulo e outros heróis em processo de formação tais como Hércules e Aquiles que foram instruídos pelo centauro Quiron. Cabe notar que, em momento algum da digressão de Diana, Camila é denominada de *puella* ou “menina”. Segundo Horsfall (2003, p. 336), objetos e apetrechos de guerra (*tela, acies, arcus*) que eram adaptados para uso infantil, em geral, recebiam o adjetivo *puerilis* cuja raiz deriva do substantivo *puer* ou “menino” (Juvenal, *Saturae*, XV, 59; Sílio Itálico, *Punica*, XI, 393). Outro aspecto reforçado no trecho é a dedicação de Camila às artes de Diana e a recusa do matrimônio.

Considerações finais

Assim como Dido, Camila é uma das personagens femininas cativantes da *Eneida* cuja morte, por um descuido banal, evidencia o teor de despropósito nas contendas do Lácio. Inimiga de Eneias, a rainha dos volscos morre na defesa da Itália. A cobiça pelas armas de Cloreu, sacerdote de Cibele, a torna um alvo vulnerável à emboscada de Arrunte, um dos líderes etruscos (Verg., *Aen.*, XI, 767-804). A criação atípica nos bosques, com feras e exercícios de caça, contrasta com o modelo característico da educação feminina romana. Seu *ethos* é moldado neste padrão rústico de educação itálica do qual o personagem Numano se orgulha em seu discurso dirigido aos troianos (Verg., *Aen.*, IX, 595-610). Segundo este chefe rústico, os ítalos são de estirpe robusta, uma vez que os recém-nascidos são mergulhados nas águas gélidas dos rios e, desde cedo, habituados à caça, apreendem a domar cavalos e são submetidos às duras fadigas do campo (Verg., *Aen.*, IX, 602-613).

As infâncias da heroína volsca e do filho de Eneias guardam em comum a circunstância do exílio forçado, repleta de adversidades e provações. Neste cenário hostil, o zelo paterno (de Eneias e Metabo) e a proteção divina (de Vênus e Diana) contribuem para a preservação dos rebentos. A sorte de Ascânio aparece atrelada não apenas à continuidade do legado troiano, mas ao futuro da *urbs* romana e sua hegemonia na Península Itálica. Em conformidade com a tradição heroica, as marcas da excelência se manifestam na infância, todavia, sem os excessos que caracterizam os jovens Hércules e Aquiles. Mesmo *puer*, lulo é apresentado como superior à idade e dotado de ânimo e prudência viris (Verg., *Aen.*, IX, 311-313). O jovem recebe destaque nas caçadas, lidera um esquadrão de meninos durante os jogos troianos e comanda as fortificações na ausência do pai. As poucas falas do rapaz na *Eneida* revelam grande eloquência e capacidade persuasória. Em suma, através do personagem Ascânio, Virgílio constrói um modelo de

decoro e excelência juvenil, imagem que condiz com a posição de “filho e futuro pai dos deuses” (“*dis genite et geniture deos*”) da profecia de Apolo (Verg., *Aen.*, IX, 642).

Referências

Documentação textual

- APOLLODORUS. *The library: books 1-3,9*. Translated by J. G. Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1921.
- CASSIO EMINA. *Frammenti. Introduzione, traduzione e commento* Carlo Santini. Pisa: Edizioni ETS, 1995
- CATON. *Origines* (fragmente). Traduit par Martine Chassignet. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- CICERO. *Brutus*. Translated by L. Hendrickson. Cambridge: Harvard University Press, 1939.
- CICERO. *De finibus*. Translated by H Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- CORNELL, T. J. (ed.). *The fragments of the Roman Historians*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- DIO CASSIUS. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961.
- DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Roman Antiquities*. Translated by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1945.
- EURIPIDES. *Trajan women. Iphigenia among the Taurians*. Translated by David Kovacs. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- HESIOD. *The Homeric hymns. Homerica*. Translated by H. G. Evelyn-White. Cambridge: Harvard University Press, 1936.
- HINO A AFRODITE. Tradução de Flávia Regina Marquetti. In: RIBEIRO JR, W. A (org.). *Hinos Homéricos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- HOMER. *Iliad*. Translated by A. T. Murray. Cambridge: Harvard University Press, 1924.
- JUVENAL; PERSIUS. *Juvenal and Persius*. Translated by G. G. Ramsay. London: William Heinemann, 1918.
- ORIGO GENTIS ROMANAE. Translated by Christopher Smith. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, n. 48, 97-136, 2005.
- OVID. *Metamorphoses: books 1-8:3*. Translated by Frank Justus Miller and G. P. Goold. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- OVID. *The art of love and Other poems*. Translated by J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1929.

- PLINY. *Natural History*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1951.
- PLUTARCH. *Plutarch's lives*. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1919.
- QUINTILIAN. *The orator's education: books 1-2*. Translated by Donald A. Russel. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- SENECA. *Tragedies*. Translated by John G. Fitch. Cambridge: Harvard University Press, 2002. v. I.
- SERVIUS HONORATUS, M. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Ed. Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.
- STATIUS. *Thebaid. Achilleid*. Translated by J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1928.
- STRABO. *Geography: books 6-7*. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- SUETÔNIO. *Vida do Divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- TACITUS. *Annals: books 4-6; 11-12*. Translated by John Jackson. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- VIRGIL. *Eclogues. Georgics. Aeneid*. Translated by H. Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1916.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.
- VIRGÍLIO. *Eneida: livros IX-XII*. Tradução de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Obras de referência

- FARIA, E. (org.). *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza, 1962.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: University Press, 1968.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.
- LIDDEL, H. G; SCOTT, R. A *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

Obras de apoio

- ARRIGONI, G. Camilla. In: GEYMONAT, M.; DELLA CORTE, F. (ed.). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984, p. 628-631.

- BAGLEY, A. M. *Roman children in the Early Empire: a distinct epidemiological and therapeutic category?* 2016. Tese (Doutorado em História da Medicina) – School of Applied Health Research, College of Medical and Dental Sciences da University of Birmingham, Birmingham, 2016.
- BETTINI, M.; LENTANO, M. *Il mito di Enea: immagini e racconti dalla Grecia a oggi*. Torino: Einaudi, 2013.
- CARDOSO, Z. A. Virgílio e os jogos fúnebres troiano-romanos. *Clássica*, v. 9/10, p. 107-118, 1996-1997.
- DE LUIGI, A. Camilla, le Amazzoni e i Volsci: alcune osservazioni circa il significato del ciclo decorative del tetto del secondo tempio di Mater Matuta a Satricum, *Mededelingen van het Nederlands Instituut te Rome*, n. 58, p. 221-245, 1999
- EDMONDSON J. Public dress and social control in Late Republican and Early Imperial Rome. In: EDMONDSON, J. C. et al. (ed.). *Roman dress and the fabrics of Roman culture*. Toronto: Toronto University Press, 2008, p. 21-46.
- HORSFALL, N. Camilla, o i limiti dell'invenzione. *Athenaeum*, v. 66, p. 31-51, 1988.
- HORSFALL, N. *Virgil, Aeneid, 11: a commentary*. Leiden: Brill, 2003.
- MOTA, T. E. A. *Deberi ad Sidera Tolli: as promessas de divinização na Eneida e a ancestralidade heróica dos Iulii*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- MOUNTFORD, P. Aeneas: an Etruscan foundation legend. *Australian Society for Classical Studies*, n. 32, p. 1-8, 2011.
- NORDEN, E. *P. Vergilius Maro Aeneis Buch VI*. Stuttgart: Teubner, 1957.
- PERRET, J. *Les origines de la légende troyenne de Rome (281-31)*. Paris: Les Belles Lettres, 1942.
- RAWSON, B. *Children and childhood in Roman Italy*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- RYDER, H.O. The boy Ascanius. *The Classical Weekly*, v. 10, n. 27, p. 210-214, 1917.
- SMITH, J. C. Caesar and the history of the early Rome. In: URSO, G. (ed.). *Cesare: precursore o visionario?* Pisa: Edizioni ETS, 2010, p. 249-264.
- SMITH, J. C. Servius, Cato the Elder and Virgil. *Mélanges de l'École Française de Rome, Antiquité*, n. 129-1, p. 1-18, 2017.
- VIPARELLI, V. Camilla: a queen undefeated, even in death. *Vergilius*, v. 54, p. 9-23, 2008.